



GEPAD EM QUARENTENA – NÚMERO 23

**FLUXOS E CONTRAFLUXOS NA PROCURA DA SOBREVIVÊNCIA: OS
EFEITOS DO CORONAVIRUS**

Por: Nathalia Valderrama Bohórquez

Com a pandemia, o mundo parou e a produção e o consumo reduziram. Nunca foi tão visível o focinho nefasto do capitalismo que constantemente viola os direitos humanos fundamentais e perpetua a pobreza e as desigualdades socioeconômicas, a precarização do trabalho e a falta de acesso a serviços básicos como saúde, água e alimentação adequada, especialmente nas sociedades urbanizadas.

A propagação do coronavírus pelo mundo começou pelos países mais ricos e posteriormente se alastrou para os países e famílias mais pobres. As maiores taxas de contágio estão concentradas nas metrópoles, desafiando a capacidade de resposta dos sistemas de saúde, enquanto o controle para assegurar o isolamento social está empurrando às famílias mais vulneráveis para os braços da fome, especialmente nos países com sistemas de assistência social precários. A luta pela sobrevivência nas metrópoles está gerando deslocamentos massivos para as zonas rurais e cidades pequenas e médias em vários lugares do mundo.

O desenvolvimento do capitalismo tem empurrado ou atraído massas populacionais às grandes metrópoles¹, muitas vezes cruzando as fronteiras nacionais. A migração tem sido utilizada como um mecanismo para aumentar a renda das famílias, uma válvula de escape da pobreza e da precária infraestrutura das regiões rurais, ao mesmo tempo em que favorece o crescimento da indústria e dos serviços nas cidades. A paralisação da atividade econômica para o controle da pandemia², a vulnerabilidade das urbes³ e o limitado acesso à saúde, estão colocando em encruzilhada as possibilidades de reprodução da vida nas grandes cidades para as famílias mais pobres. Se historicamente o capitalismo se alimentou do deslocamento rural-urbano, hoje observa-se um contrafluxo surpreendente: as pessoas estão temporariamente saindo das megacidades para as zonas rurais e cidades de pequeno e médio porte. Os casos mais representativos até agora são em Nova Deli e Mumbai (Índia), Madri (Espanha), Paris (França), Bangcoc (Tailândia), Antananarivo (Madagascar), Nairóbi (Quênia) e Kampala (Uganda)⁴.

Esses novos fluxos abrem incertezas no curto prazo, como o aumento da propagação do vírus nas zonas rurais afastadas e a precariedade ou inexistência dos serviços de saúde para atender os casos de pacientes críticos e graves. No médio prazo, estes fluxos podem acarretar o aumento das

1 As metrópoles e cidades com maior densidade populacional (habitantes por km²) são Bucareste (Romênia), Bamaco (Mali), Addis Ababa (Etiópia), Dakar (Senegal), Brazavile (República do Congo), Barcelona (AMB) (Espanha), Moscou (Rússia), Nova Deli (Índia), Jacarta (Indonésia), Casablanca (Marrocos), Berlim (Alemanha), Libreville (Gabão), Shanghai (China), Vale do Aburrá (Colômbia), San Salvador (El Salvador), Douala (Camarões), Nova Taipé (Taiwan), São Paulo (Brasil), Cidade do México (México) e Istanbul (Turquia). Adicionalmente, as de maior taxa de trabalho informal são Antananarivo (Madagáscar), Douala e Harare (Zimbábue) (80%), Abidjã (Costa do Marfim) (70%), Cairo (Egito) e Teerã (Irã) (50%), San Salvador (40%), Cidade do México, La Paz (Bolívia) e Rio de Janeiro (Brasil) (30%), Joanesburgo (África do Sul), Atlanta (EUA) e Toronto (Canadá) (20%), enquanto as de maior desemprego são Joanesburgo (29.5%), Durban (África do Sul) (21.9%), Atenas (Grécia) (21.6%), Addis Ababa (21%), São Paulo (18%), Brazavile (17.6%), Harare (17%), Nouakchott (Mauritânia) (15.9%), Rio de Janeiro (15.2%), Rabat (Marrocos) (15.1%). Cabe resaltar que muitas metrópoles e cidades não reportam esses dados o que limita a análise (ver <https://indicators.metropolis.org/#block-comparedatablock>).

2 Os setores mais atingidos são os serviços e produtos de consumo não essenciais como o turismo, eventos, transporte, assim como a construção, o petróleo e o comércio internacional.

3 O índice de fragilidade urbana se mede com a quantificação de fatores como a urbanização rápida e desregulada, a desigualdade social e de renda, a concentração da pobreza, o desemprego, os déficits de policiamento e justiça, a percepção de insegurança e a exposição a desastres naturais. As cidades com maior índice fragilidade urbana são: Bamaco (4), Antananarivo (3), Dakar, Abidjã e Harare (2,89). Na América são: San Salvador (2,49), Valle de Aburra (2,27), Tijuana (México) (2,2), São Paulo (2,1), La Paz (2,09), Santiago de Chile (Chile) (2,03), Bogotá (Colômbia) e Rio de Janeiro (2), Buenos Aires (Argentina) e Cidade do México (1,91)

4 Ver: www.thecitizen.co.tz/news/africa/Coronavirus-fears-spark-urban-rural-exodus-across-Africa/3302426-5507414-ro6i7o/index.html
www.dw.com/en/coronavirus-lockdown-delhi-struggles-to-feed-migrants-left-behind/a-53015294,
www.thecitizen.co.tz/news/africa/Coronavirus-fears-spark-urban-rural-exodus-across-Africa/3302426-5507414-ro6i7o/index.html
www.bbc.com/portuguese/internacional-52110824
www.eldiariorural.es/exodo-urbano-por-el-coronavirus/
www.npr.org/sections/goatsandsoda/2020/03/31/822642382/coronavirus-lockdown-sends-migrant-workers-on-a-long-and-risky-trip-home
www.aljazeera.com/news/2020/03/coronavirus-lockdown-leaves-migrant-workers-stranded-thailand-200328060111830.html

revindicações sociais pelo acesso à terra e recursos naturais, especialmente em regiões de latifúndio improdutivo, atividades extrativas primárias e avanço da fronteira agrícola sobre áreas de florestas. Estes fluxos populacionais abrem novos desafios para os Estados nacionais, que poderiam aproveitar esses rearranjos da força de trabalho nas zonas rurais para fazer face ao período de recessão econômica e profundas incertezas. No curto prazo, a contenção da epidemia e seus efeitos dependerá da provisão de uma renda básica para as famílias pobres, da adaptação do sistema de transporte e das práticas de desinfetar as mãos, usar máscaras e respeitar o distanciamento social, sem falar das mudanças de maior alcance em infraestrutura, habitação e saneamento básico. No médio prazo, a efetividade dos mecanismos para a superação da pobreza e da recessão econômica dependerão da capacidade dos governos e da criatividade das comunidades para gerar fontes de renda que respondam às necessidades básicas insatisfeitas, através de investimentos em formas coletivas de produção e consumo de bens básicos e de encurtamento das cadeias de abastecimento de bens e serviços. Isto permitiria uma redistribuição mais equitativa da renda e da riqueza, através do emprego do que Albert O. Hirschman chamou de capacidades ocultas, que com investimentos menores e maior participação social entregam resultados mais efetivos. Cada dia conta para evitar a propagação do vírus e a recessão econômica. Para quem tem fome cada hora conta ainda mais. O tempo não espera ninguém e o relógio está em contagem regressiva para a tomada de medidas acertadas na mitigação da crise.